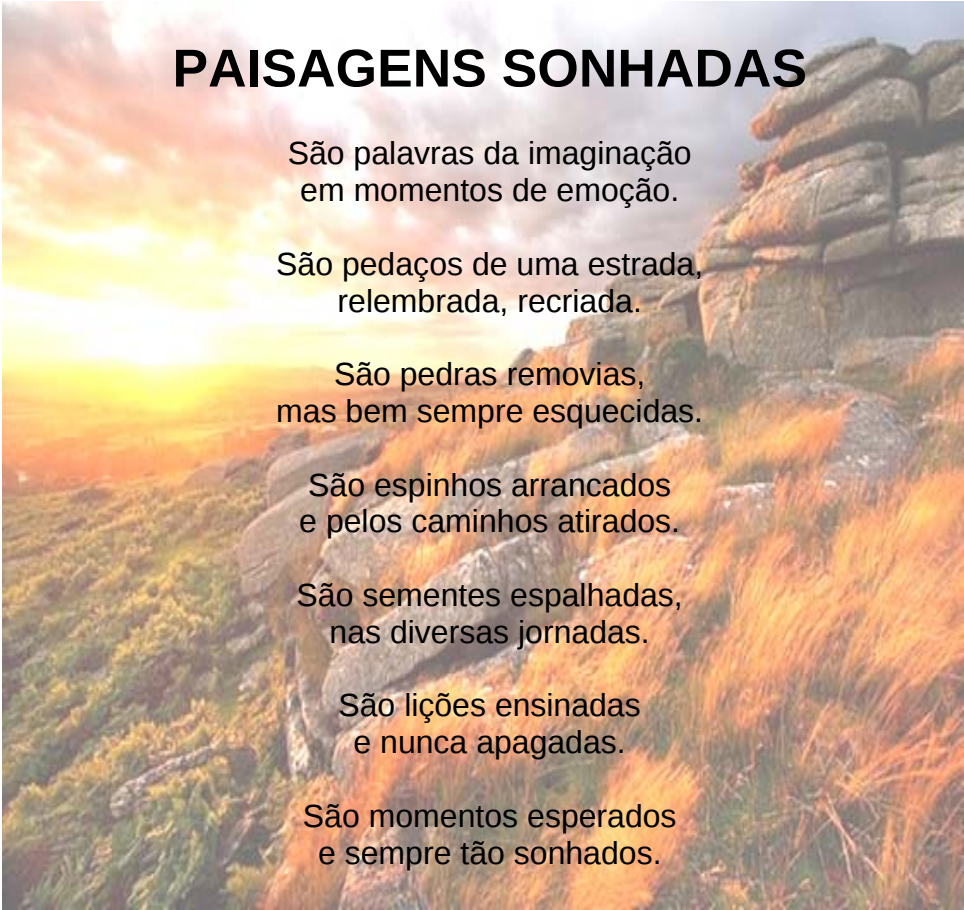


PAISAGENS SONHADAS





***“Sonha, sonha a vida inteira,
deixa o sonho andar ao léu.
Ele ultrapassa a fronteira
que existe entre a Terra e o céu.”
Maria Helena C. M. Duarte***



PAISAGENS SONHADAS

São palavras da imaginação
em momentos de emoção.

São pedaços de uma estrada,
relembrada, recriada.

São pedras removias,
mas bem sempre esquecidas.

São espinhos arrancados
e pelos caminhos atirados.

São sementes espalhadas,
nas diversas jornadas.

São lições ensinadas
e nunca apagadas.

São momentos esperados
e sempre tão sonhados.



*A todos que coloriram
minha paisagem sonhada..*



ALGUMAS PALAVRAS

Muito tenho a agradecer
pelo prazer de escrever.
Momentos de uma jornada
pela imaginação recriada.

São textos sem pretensão,
saídos do coração.
Escritos da Imaginação,
trazendo-me motivação.

Nas aulas, foram brotando,
pelas amigas incentivados,
em espaços criados,
nos caminhos atribulados.

E mais um livro nasceu,
abaixo são citados,
para serem lembrados:
“Pedaços do coração”
“Meninas dos olhos da Noite”
“Encantamento”
“Entardecer”
“Folhas de Outono”
“Recantos encantados”
“Gotas de orvalho”
“Passagens”
“Estradas da vida”

ÍNDICE

POEMAS	7
ESPERANÇA	8
ATO DE AMOR	9
MEUS AMORES.....	10
FRAGMENTOS, BALANÇO DA VIDA	11
MOMENTO DE RECICLAR	12
O TEMPO DA FELICIDADE.....	13
SAUDADES.....	15
PERDAS, OU LEMBRANÇAS GRATIFICANTES... ..	16
ESPERA-ESPERANÇA	18
QUANTAS LEMBRANÇAS... ..	19
PESSOAS INESQUECÍVEIS	20
NICOLA E CARMELA	22
PASSAGENS	25
PERDAS.....	27
FOTO DE UMA PAISAGEM.....	28
PEDAÇOS DE UMA ESTRADA.....	29
ALVORECER	30
SONHOS.....	31
TERRA INESQUECÍVEL.....	32
O CÉU ESTRELADO DE VERÃO.....	33
MISTIÇA.....	34
ENCANTAMENTO	35
QUANTA COISA NOS ESCRAVIZA.....	36
O PRAZER DA LEITURA.....	38
OLHOS ESVERDEADOS	39
O SINO DA MATRIZ	40
PROSA	41
NOSSAS JANELAS INTERIORES	42
FRANGO ASSADO... QUE DELICIA!	43
UM ENCONTRO	44
TEMPESTADES DA VIDA	46
NADA COMO UM CAFEZINHO.....	47
REMINISCÊNCIAS.....	48
O ÚLTIMO BONDE	50
MOMENTOS... ..	52
O SOLAR DAS ROSAS	53
NADA POSSO FAZER.....	55
ALVORECER II	56
O ESCALADOR.....	58
SOLIDARIEDADE E CASAMENTO	59
INCRÍVEL!!	60
MÍLTON	61
ALUCINAÇÃO?!?	64
UMA COMUNICAÇÃO GRATIFICANTE	65



ESPERANÇA

Ele repousa.
Jardim florido...
As folhas das árvores sussurram,
entoando melodias com os pássaros.
Uma brisa suave traz aromas,
aromas de tranquilidade,
aromas de paz.
O silêncio é aconchegante,
saudades de quem partiu
para muitos iluminados.
Missão cumprida.
não mais dores terrenas,
não mais conflitos rotineiros,
não mais sua presença.
Só lembranças nos entes queridos,
só vestígios em seus pertences.
Mas a serenidade envolve a todos.
Esperança de um novo encontro,
talvez, entre as brilhantes estrelas,
talvez, em um pôr do sol,
talvez nos rochedos
batidos pelas ondas do mar...

ATO DE AMOR

Ela, doentinha,
sorriso doce,
olhos meigos de despedida,
quarto verde, expressando esperança
Nos presentes a esperar.
A irmã, delicadamente,
coloca nas mãos da outra
uma caixinha florida,
lágrimas escorrem,
sussurrando lhe diz:
“Mandou-lhe entregar,
segredo guardado,
vinte anos.”
Jóias vendidas,
para a realização
da festa de casamentos
da filha...
Onde as palavras?
Como agradecer?
Abraço apertado,
coração agradecido,
um beijo na testa,
um sorriso de gratidão,
uma alisar em seus cabelos,
um suspirar de amor,
um choro de emoção...

MEUS AMORES

Dois jovens.
Um, moreninho
outro, mais claro
Olhos sonhadores
cabelos encaracolados
esbeltos, altos, cheios de charme
A música é com ele
a união é com eles
O mais velho, mais extrovertido
determinado, sensível
O mais moço, “come quieto”
observador, sofre calado
Os dois, curiosos
pesquisam o que gostam
vão atrás de conhecimentos:
Nos livros, na internet, nos museus,
e mesmo em cursos...
Responsáveis no que fazem
interessados no que buscam
Sentimentais, sonhadores
carinhosos e repletos de gratidão
São Meus dos amores
torço por eles
para que um dia
realizem seus idéias...

FRAGMENTOS, BALANÇO DA VIDA

Fim de ano
festas, encontros e desencontros
retorno
caminho percorrido
retalhos costurados
coloridos, descoloridos
acertos, desacertos
objetivos traçados
metas alcançadas?
Desvios, encruzilhadas
união, desunião
ilusão, desilusão
chegadas, partidas
colcha de tecidos
tecidos com pontos incertos
coberta de vida da vida.

MOMENTO DE RECICLAR

Começo de ano...
Por que não apagar, ou excluir
tudo que nos traz tristeza?
Abro os jornais, vejo tanta vingança,
tanta violência, tanta mentira!!
pelo menos, vou tentar espalhar:
Compreensão, perdão, carinho e ser o que penso.
Começo a refletir sobre algumas coisas:
Sabemos que a vida não é fácil, mas vale a pena ser vivida.
Se não tivermos a coragem de começar alguma coisa,
que nos encanta então ela já está acabada.
O tempo perdido com lágrimas, mágoas,
jamais será recuperado, ou reciclado.
Por outro lado, a mente deve estar sempre aberta e alerta,
para aproveitar as coisas boas
e, deixar de lado, as que não nos agradam.
Pergunto-me: por que buscar a amizade de pessoas,
que nos tratam mal? Bobagem!
Ora, ora, há tantas outras que nos querem bem...
Sim, é delas que devemos nos aproximar e amar.
Quem me dera procurar em meu caminho
apenas o que me faz bem, apenas o que me encanta,
para que possa dizer aos quatro cantos do mundo:
Obrigada, meu Senhor, por me ter dado
este presente tão precioso, que se chama VIDA!

O TEMPO DA FELICIDADE

Há semanas que duram anos,
há anos que não chegam a preencher os feriados das folhinhas.
Há paixões que foram eternas
há pessoas, que sempre nos rodearam,
mas passaram, até em nossas lembranças.

Quantos amores não realizados,
com olhares que permaneceram meses,
com beijos e abraços não dados,
a espera de um desfecho.

Há tristezas que nos paralisaram meses,
mas, nem sequer, sabemos o quê, por quê,
são lembranças apagadas...

Há eventos que marcaram nossas vidas:
Nascimento de alguém querido,
partida de alguém amado,
viagens cheias de alegria,
êxtase de um sonho realizado,
esses duraram uma eternidade.

Há passeios, que nada marcaram,
sempre iguais sempre rotina...
Outros, que não sabemos nem onde,
mas que duram até hoje,
repletos de felicidade.

O tempo do coração
difere das horas de um relógio.
As horas, minutos e segundos,
assim como suas badaladas
expressam as emoções.

Se olharmos as rugas
do sofrimento, da dor,
esquecemos das experiências vividas

se pensarmos no que não foi feito,
deixamos de sorrir pelas lembranças que vivemos.

A vida é um dever de casa.
se formos reprovados
é porque não soubemos agarrar as oportunidades.

Portanto devemos aproveitar os momentos,
eles não voltam.
Pegue o amor, que está à sua frente,
e diga: "Eu o amo".
Faça o que lhe dá prazer.
O presente é à sombra do ontem e do amanhã,
aí repousa a esperança

E tudo tem seu tempo:
há o tempo de nascer e de morrer,
há o tempo de chorar e de rir,
há o tempo de unir e de separar,
há o tempo de amar e de desamar...

Mas há o tempo do coração,
onde mora a emoção,
é o tempo da eternidade,
é o tempo da felicidade...

SAUDADES

Lá estão todos eles,
na foto de um Natal.
estampam em seus sorrisos
a alegria daquele instante
de união, de reunião familiar...

Nós, com nossos filhos
ainda crianças, de colo.
viemos de Campinas
outros chegam,
trazendo o encanto dos mineiros.

Papai, mamãe de braços dados,
seus irmãos, acompanhados
das esposas, dos maridos.
enfim, filhos e netos, todos ali.

Após o almoço delicioso e requintado,
a tradicional fotografia
para selar o momento de felicidade,
do encantamento daquele dia.

Como pano de fundo,
o terraço de nosso aconchegante lar,
enfeitado com as samambaias de metro.

Parece que foi ontem.
Tudo passou tudo se apagou,
quase todos já partiram,
um a um foram indo.

Lágrimas escorrem,
lembranças afloram.
E, na alma, um gosto amargo,
o gosto amargo das saudades...

PERDAS, OU LEMBRANÇAS GRATIFICANTES...

Neste momento, tento relembrar
as perdas nos caminhos da vida.
Infância, quantos brinquedos prediletos,
quantos mimos por parte dos pais
e um mundo de fantasia a povoar a imaginação.
Tudo era mágico e as personagens
dos contos de fada saíam das páginas dos livros
e habitavam todos os lugares,
por onde meus pequeninos pés pisavam..

Escola, primeiras letras e palavras
permitiram-me entrar
no universo sem fim dos livros,
em que os recantos desconhecidos
surgiam encantadores e curiosos...

Juventude, o sentimento aflorava,
os sonhos se delineavam.
O futuro era certo: com quem gostava,
com a casinha no ar azul construída,
com crianças em volta,
alegando os dias, colorindo o lar.

O grande dia: música pela igreja,
vestido branco, véu, grinalda,
sorrisos pelos olhos.
Todos ali no altar.
O abraço selando a união.

Os anos passam rápidos,
tudo fica para trás,
esfumaçado na poeira dos ciclos,
apagado na rapidez do tempo.

E a lembrança toma conta dos pensamentos.
A memória aparece na relembração:
Nossa casa, nossos pais, nosso companheiro escolhido.
No momento, estão distantes,
presentes só na saudade.

Tudo sumiu, o lar da infância,
as pessoas queridas, tão amadas,
os amores, os bailinhos,
os lugares por onde andamos,
as pessoas que conhecemos,
até seus nomes não mais sabemos
as viagens com marido e filhos
pergunto: para onde?
Como foi?

Mas seriam tudo isso perdas?
Ou lembranças gratificantes
daqueles que estão longe,
mas, um dia, nos acompanharam
transmitindo suas palavras,
ora de apoio, ora de ternura.
Com eles desaparecerem, também,
todos os pertences que os cercavam.
E, ficamos nós...
Na esperança de reuni-los novamente
poder abraçá-los, cantar, dançar
e sorrir de felicidade...

ESPERA-ESPERANÇA

Um dia ele chegou
com flores
com sorriso nos olhos
com palavras adocicadas
com poesia
com encanto

Chegou e ficou
convidou-me para dançar
envolveu-me em seus braços

Levou-me pelas areias macias
pelos mares azuis
no meio de ondas espumantes
reluzentes

Em seu barco partimos
em ilhas fantasias aportamos
lá fizemos nossa morada
com telhados de sonhos
com paredes de harmonia
com ladrilhos de estrelas

Passeios sem fim
por entre verdes-esmeralda
apenas olhares
olhares doces-felicidade

O dia amanheceu
ele partiu
apenas sorriu

Tudo acabou
tudo se apagou
o nunca chegou
só lembrança restou

Só espera-esperança
como atingir?
Como conseguir?

QUANTAS LEMBRANÇAS...

Era uma caixa, comprida, larga,
mas tão bem decorada, com um papel dourado,
que encantava a todos.
Seria nela, onde guardaria cartas de pessoas queridas,
bilhetes carinhosos, fotos de estimação,
além de flores, já secas, de ocasiões marcantes,
e recortes de jornais com notícias tristes e alegres.

Os anos passaram...
lá estava a caixa dourada, com tudo que havia conservado,
que não seria descartado.
Certo dia, resolvi abri-la,
alguma coisa seria inutilizada,
pois lá, nada mais cabia.

Lágrimas brotaram em meus olhos.
Eram pedaços de minha vida,
como se percorresse
cada instante de minha estrada:
Cartas de meus pais, dizeres carinhosos de amigas,
flores de minha grinalda, fotos das crianças,
brindes de nascimento, de casamento,
folhas amarelecidas com pétalas murchas,
cartõezinhos de buquês, geralmente, de meu companheiro,
sua letra caprichada, seu português perfeito, seus poemas,
outros, de meus filhos: "Dia das Mães", aniversário, Natal...

Como descartar a trajetória de uma vida?
Talvez, os papéis irão embora,
mas nunca a lembrança contida
será apagada.

Era uma caixa dourada,
com pedaços de uma estrada.
Uma vida ali existia,
no baú da lembrança, permanecia.

PESSOAS INESQUECÍVEIS

Noite... observo em meu painel
fotos... dos que me são tão queridos.
Procuro visualizar apenas o que foi prazeroso.
Nada de tristezas, nada de lágrimas.

Recordo-me de duas tias especiais,
Aliás, minhas madrinhas,
tia Nini e Diluzinha.

Tia Nini, baixinha, elegante e culta,
Com seus olhinhos vivos,
com seu ar inteligente a espalhar sabedoria.

Incrível: conhecia o nome de quase todos os vinhos,
nunca entrara numa cozinha,
mas sabia orientar a qualquer um
nos pratos mais sofisticados,
em sua decoração,
além, da mesa bem posta.

Assim, oferecia banquetes,
recebendo a todos com hospitalidade.
E como era estudada:
Quadros, objetos antigos
eram por ela conhecidos.

Lia, lia muito e escrevia também.
Inglês e francês falava perfeitamente.
Como não teve filhos,
dedicou-se ao trabalho voluntário.
Ajudava a todos na famosa "Gota de Leite",
e dava seu ombro amigo
a quem procurava uma palavra amiga, um conforto.

Dilu, magrinha, alta,
era professora de francês,
contudo fazia coisas lindas:
Pintava com esmero,
trabalhava com artesanato.
E seus bordados eram primorosos.
Mas, agora, vem o que tinha de especial:
Adorava criação: pegava animais abandonados,

Não só cachorros, como gatos,
tinha, também, passarinhos.
amava as plantas
e fazia doces divinos.

Essas tias tão queridas
como esquecer delas?
são pessoas inesquecíveis,
sem dúvida especiais.
O tempo passou,
mas a lembrança não apagou,
presentes sempre estão,
no exemplo e no coração!

NICOLA E CARMELA

“Carmela, venha rápido, pra ver
nossa horta a brotar,
pés de alface a nascer,
tomates gorduchos a desabrochar,
cheirinho verde a espalhar...
além de ervas milagrosas,
para os males espantar:
Camomila, erva-doce, boldo,
erva-santa e manjerição,
de dar gosto ao paladar
e, por que não, ao coração.”

“Nicola, Nicola, estou tão ocupada,
lidando com panelas e roupa a estender.
Muitas entregas pra fazer,
muitos doces pra vender.
Vá logo para o empório,
pra o freguês atender.
A criançada está na escola,
pra lições aprender,
só nós dois pra lidar.
Sem dúvida, pra ganhar,
temos muito que trabalhar.”

E assim conversando, e, por vezes, cantarolando,
o casal sempre, sempre trabalhando,
na esperança da vida vencer,
de seus filhos encaminhar,
e, quem sabe, tudo, tudo melhorar.

Da Itália, saudades sentem,
contudo não se arrependem
da vinda para o Brasil,
em Minas, ficar e morar.
Crianças pra criar,
o jeito foi trabalhar

pra todos encaminhar...
Nicola com um simples empório:
Doces, linguiça, miúdos,
legumes, verduras, além de arroz e feijão,
buscados na redondeza,
que dava que era beleza.
A freguesia aumentava
e mais dinheiro entrava.

Carmela alegre e trabalhadeira,
além de ser lavadeira
das senhoras fazendeiras,
seus quitutes fazia
bolos, doces e até ambrosia,
pra Nicola ajudar
e a venda incrementar.

Os anos foram passando,
os filhos foram crescendo,
não deixavam de estudar,
mas aos pais queriam ajudar.

A mais velha um restaurante montou,
aliás, foi o que sempre sonhou.
Era ótima cozinheira,
melhor que muita mineira,
tutu de feijão fazia,
acompanhando costela de porco,
além de couve fresquinha,
que todos faziam boquinha,
só de sentir o cheirinho.

Um deles médico tornou
e aos pais isso encantou.
Pra cidade maior mudou,
um dia, a mineirinha conheceu
e logo se apaixonou
e com ela se casou.

não é que teve dois filhos,
que mais tarde se tornaram
doutores, como o pai,
que tanto admiravam
e, também, amavam !

Nicola e Carmela velhinhos lembravam
de sua terra distante, que longe, longe ficara.
E de mãos dadas conversavam
conversas de recordação
dos tempos de luta já idos,
com muita, muita emoção

Mais vale na vida lutar,
sem nunca esmorecer.
Pois sempre há de vencer,
quem as dificuldades esquecer
e seguir a batalhar e ao trabalho amar....

PASSAGENS

Dia chuvoso de janeiro...
Calor abafadiço,
céu cinzento,
nuvens escuras,
reflexo de meu interior.

Volto ao passado:
Sem dúvida, fomos privilegiados.
Nada nos faltou,
de nada podemos queixar.

Pais encantadores:
Ele, batalhador, zeloso.
Tudo fazia para proporcionar
o melhor a todos nós:
Colégios, com excelentes professores,
além de desfrutar da exuberante "Santa Jacinta",
com suas plantações a perder em nosso olhar.
Era, também, um homem culto,
conhecia obras de arte
e os clássicos da literatura.
Sem falar, na parte sentimental:
Era só carinho, era só amor.

Ela, a rainha do lar,
a doce e suave mineirinha,
que conquistou o coração
daquele rapaz, lá da "Alta Mogiana".

Tanta coisa nos transmitiu
quase impossível citá-las:
O respeito, a delicadeza,
como tratar o próximo,
a elegância, o gosto pelo estudo,
a limpeza, a organização, os valores de vida,
o modo de falar, o modo de agir,
a bondade, a compreensão,
o silêncio, quando necessário...

Retorno...só tenho a agradecer,
neste momento do entardecer,
pelo tanto recebido,
Pelo muito aprendido...

PERDAS...

Remexo os papéis
busco documentos
ganhos de entes queridos
partiram...
Toda uma vida de luta, de labuta
deixados ali...
Famíliares recebem
muitos acertam a situação
outros procuram a distração
bens materiais apenas
e eles, onde estão?
Sua presença, sua voz,
suas palavras de apoio...
Tudo ressoa em nosso pensamento
mas queremos tocá-los,
esperamos a felicidade
de vê-los entrando,
sorrindo e abraçando
restam os fiapos
esvoaçando
Nos caminhos de nossa jornada
até, quem sabe um dia,
surgirá o esperado...

FOTO DE UMA PAISAGEM

Observo uma foto.
Paisagem conhecida e frequentada:
Mar, rochedos, praia
e um céu que parece
encontrar-se com as ondulações das águas.

Atenho-me ao colorido da imagem:
sombreado escuro,
apenas nuances alaranjadas
de um crepúsculo.

As pedras são escuras,
quase negras.
as pessoas minúsculas,
pontos a percorrer a praia.

Rememoro com tristeza...
Tudo passou tão rápido
e o outono chegou,
quase prenúncio do inverno.

Lá se foram as outras estações:
A alegria da infância,
o sonho da adolescência,
o encanto do primeiro amor,
o compartilhar de um companheiro,
os ombros, sempre disponíveis,
de pais queridos...

E agora?
Resta a paisagem
amarelecida, apagada.
cenário da natureza,
cenário de uma alma...

PEDAÇOS DE UMA ESTRADA

Cabelos grisalhos, olhos cansados
pele enrugada...
Estrada da vida,
longo trajeto já percorrido.
Pelo caminho, mãos abanam
num triste adeus.
Lembranças no pensamento,
vejo vasos quebrados
inutilmente, tento restaurá-los.
As trincas ali permanecem.
Perdoar? Compreender o outro?
O tempo incumbiu-se disso,
talvez, resignação diante do inevitável.
Esquecer? Como? Algo que mudou sua vida?
Cicatrizes profundas são deixadas
nas feridas do esquecimento,
rachaduras coladas,
juntando, cuidadosamente, os cacos.
E a estrada continua
com suas dobras de surpresas...

ALVORECER

Tudo passa
tudo sempre passará
alvoradas
novos dias
luz e sombra
crepúsculo
noite fria
solidão
dor
mas tudo muda
movimento da vida
choro, riso
tempo de chorar
tempo de sorrir
novo amanhecer
alvorada
novo dia
claro, límpido
esperança
tudo se renova
mudança
passa aquele crepúsculo
passa a noite escura
porém outros virão
talvez mais longos
talvez mais sofridos
ciclos da vida
sombra e luz
luz e sombra
tudo muda
tudo sempre mudará

SONHOS...

Vida
um tecido de sonhos
imaginação
sempre o “Se”
se encontrasse um amor?
Se tivesse um companheiro
na escalada dos caminhos?
Se nossa casinha fosse pequena
com redes no terraço
com árvores frutíferas
com flores das mais diversas?
Se na noite estrelada
sentássemos no degrau da frente
e, com mãos dadas,
cantássemos modinhas brasileiras?
E se nossos filhos, todos os domingos,
viesses com a família
para aquele gostoso churrasco
brincando, abraçando, conversando nos cantos
naquela harmonia tão esperada?
E se não houvesse partida
das pessoas tão queridas
lembradas na saudade
guardadas no coração?
E se, pelo menos de vez em quando,
pudéssemos ter um pequeno espaço
para fazermos coisas que amamos
sem correria, sem compromissos
sem as obrigações impostas?
Mas não existe o “se”
o se do riso,
o se da ilusão
o se tão sonhado....

TERRA INESQUECIVEL

Lá, tapetes verdes das montanhas
céu azul, nas manhãs límpidas
estrelas brilhantes, bordadas no manto da noite

Cá, espigões cinzas
céu nublado, esfumaçado
noite escura, sem enfeites decorada.

Lá, conversas sem fim nos alpendres
aconchego dos familiares
hospitalidade às visitas

Cá, isolamento
parentes distantes
receio de estranhos

Lá, quitutes sempre à mesa:
Bolo de fubá, sequilhos, docinhos caseiros
carne de porco, torresmo, couve, farofa
galinha ao molho pardo, arroz na panela de pedra

Cá, quilões, lanchonetes
café expresso, capuccino
restaurantes incrementados
shoppings, extravagâncias

Lá, terra dos sonhos
raízes, antepassados
cá, terra estrangeira
com estradas passageiras

Lá, há uma história
com lembranças do passado
cá, há só ilusão
que não toca no coração

O CÉU ESTRELADO DE VERÃO

Deitada na relva macia,
sonho de olhos abertos,
observo a lua cheia,
rodeada de pontos cintilantes...

Aperto minha corrente,
com a medalha
tão preciosa,
presente de um familiar.

Naquela tranquilidade,
vejo estrelas a bailar.
Cada uma é de uma cor,
simbolizando o que desejar.

Azul, da serenidade;
Vermelho, do amor;
Amarelo, da energia;
Verde, da esperança.

Mas todas se enlaçam,
num abraço fraternal.
Afinal, representam
o que temos no coração.

Minhas amigas, dancem, dancem,
no céu estrelado de verão.
Levem tudo o que trazem
para alguém do coração.

Nesta corrente guardada,
e, na medalha, tão estimada,
lembança está marcada,
que nunca será apagada...

MESTIÇA

Tenho alma e pensamentos de índia
tenho cor e feição de branca
por todos sou rejeitada
por ninguém sou amada

Meus cabelos loiros e anelados
lembram reflexos do sol
Lembram as ondas do mar
pelas paisagens cintilando
pelos rochedos cantando

Meus olhos esverdeados
são da cor das folhagens
minha pele muito alva
expressa a límpida pureza
de um lírio na sua beleza

Vivo em grande solidão
trago amargura no coração
onde está a minha origem?
Com olhos e cabelos negros
além de lisos reluzentes?

Choro aos bosques
choro às aves
tento sempre me aproximar
do meu povo pra me aconchegar
e a tristeza acabar

Mas isso é sonho, ilusão
pois meu lar é a solidão
meu destino a rejeição
jamais amada serei
jamais um carinho terei.

ENCANTAMENTO

O poeta diz, com tristeza,
“se eu morresse amanhã!”
E, com carinho, lembra da irmã,
e, nas saudades, lembra da mãe.

No seu canto de despedida,
na sua juventude cortada,
no seu futuro partido,
chora um tempo não vivido...

Despede-se da natureza,
em toda sua beleza:
Do céu azul, da límpida madrugada,
de tudo que tanto amava.

Mas... por que se lamentar?
e ,em suas palavras, murmurar
um sem fim de despedidas
nessa sua partida?

Nada vai terminar.
Sim, vamos continuar.
Por outros mundos vamos andar
e seres queridos vamos encontrar.

As dores aqui ficam
e, também, a vida sofrida,
que deixamos na missão cumprida
por todos que na Terra habitam.

Como escreve um grande autor,
com palavras cheias de amor:
Não há um acabamento,
mas sim, um encantamento.

Jamais os homens morrem,
apenas ficam encantados,
no coração guardados,
e, nas saudades, lembrados...

QUANTA COISA NOS ESCRAVIZA...

Continua a escravidão
nos compromissos sem fim
nos pensamentos a remoer
na ansiedade de tudo realizar
no passado a retornar

Continua a escravidão
no desejo de tudo comprar
no desejo de todos agradar
no consumismo da sociedade
no temor da rejeição

Continua a escravidão
nas técnicas criadas
que geram produtos apressados
num instante, apagados
num instante, superados

Continua a escravidão
no querer se embelezar
e nas academias buscar
um físico na perfeição

Continua a escravidão
na ânsia de poder
no jogo de tudo valer
sem ter nada a perder

Continua a escravidão
que o material almeja
não existe para isso queixa
só por isso se batalha
abrindo enorme mortalha

continua a escravidão
e o verde a derrubar
e a Terra arrasar
e a tudo poluir
não importa o que sentir

continua a escravidão
os valores a destruir
o sublime a sumir
os homens a desfalecer
o perene fenecer

Continua a escravidão
na nossa solidão
de tanta coisa querer
mas nada conseguir
só resta então prosseguir

O PRAZER DA LEITURA

Livros, que prazer...
percorro os títulos.
Enfileirados, procuram atrair.
Olhos observadores,
às vezes, não só os títulos,
a capa, também, é chamariz.
Mas os dedos não resistem,
vão para a contracapa
a capa de trás, com seus resumos.
Agora, folheio.
Procuro o sumário,
fixo-me em um capítulo.
Como dona daquela preciosidade,
leio alguns trechos,
interessante...penso eu.
Viajo na imaginação.
Estou em outro mundo:
Do sonho, do desconhecido.
Desligo-me de tudo que me cerca:
Pessoas, lugares...
De tudo que me preocupa.
Por pouco, não permaneço nesse plano.
por pouco, não me liberto
das amarras do caminho.
Por pouco, muito pouco,
teria para sempre
momentos agradáveis.
São apenas folhas de papel:
Pequenas, mas inesquecíveis,
de onde saem
palavras encantadas
de fantasia sem fim...

OLHOS ESVERDEADOS

O sol envolvia o dia,
numa tarde de verão.
Quando vi com alegria,
seu olhar de emoção.

Verde, verde, é seu olhar,
esmeralda em canção,
lembra as espumas do mar
a embalar a embarcação.

Queria, um dia, buscar
os carinhos que me deu.
Nada custa esperar
por alguém que já foi seu.

Agora, vem minha história,
que conto, enquanto canto,
para mim foi sempre glória,
glória, magia e encanto.

Tarde quente, ensolarada,
quando a morena surgiu.
Era toda requebrada,
como ninguém jamais viu.

Nos olhos verdes trazia
uma estranha atração.
Bailava e me dizia
que eu seria sua paixão.

Assim os anos passaram,
sorrisos e muitos risos,
até que as sombras vieram.
Pensei: "Perdeu o juízo!"

Os olhos verdes sumiram,
desde que ela partiu.
Lágrimas me consumiram,
será que alguém a viu?

O SINO DA MATRIZ

Cidade do interior,
por todo canto reina a paz...
Domingo...final de dia,
os jovens passeiam na praça,
o sino da Matriz repica,
anuncia a Ave-Maria.
A melodia ecoa pelos ares,
envolve a todos com serenidade.
Os devotos entram na Igreja.
Logo, à entrada, encontram o bloquinho,
nele, colocam agradecimentos,
pedidos para entes queridos.
Percebo, ao longe, um céu azul-avermelhado,
é o dia despedindo-se.
Crepúsculo...hora do recolhimento,
momento em que numa reverência interior
dirigimos, piedosamente, Àquele,
que nos cobre de coragem,
para seguirmos o caminho traçado,
para vencermos os desafios diários,
para nos amparar nas quedas.
Ave-Maria, sino da Matriz,
crepúsculo...último suspiro da jornada cumprida.



NOSSAS JANELAS INTERIORES

Quantas janelas nas paisagens da vida. Há aquelas que nos trazem felicidades, que nos libertam das amarras interiores. Mas para isso temos que ter muita coragem. Deixar um passado, deixar a mesmice, ter pulso para dizer a si mesmo: “Isto não me agrada, isto não é o que desejaria para mim”.

Contudo tal tarefa não é fácil. E, muitas vezes, ficamos em cima do muro, por comodismo.

Há várias janelas que precisam ser fechadas. Uma delas, aliás terrível, é a do ressentimento, da mágoa. Ela nos traz amargor, tristeza e até perdemos a motivação de continuar. O ressentimento nos impede de perdoar e, vira- e- mexe, surgem a situação ou a pessoa que mexeram com nossos sentimentos.

Outra, que nos deixa sem ação, é a do medo. Em tudo vemos o perigo, a violência, o mundo se torna um grande obstáculo, por vezes, intransponível.

Mas existe uma, que nos prende para sempre, é a do passado. Só ele existe para nós. São lembranças sem fim, são as saudades do que ficou.

Há muitas outras, mas essas citadas nos impedem de sonhar, de ter esperanças, de batalhar em nossas caminhadas, enfim de tentar algo diferente que nos empurre para diante.

FRANGO ASSADO... QUE DELÍCIA!

Lá íamos nós para as férias...Após, procuras e mais procuras, jornais, Internet e tudo que falasse sobre férias e seus atraentes pacotes, decidimos: desta vez, seria o Circuito das Águas, Caxambu, Lambari e Águas de Lindóia...Ficaríamos hospedados em um lindo hotel de Caxambu, com todas as regalias que se têm direito: café da manhã, almoço, janta e o famoso chá da noite.

Até que enfim, iria descansar da rotina doméstica.

Pela Internet, apreciamos a beleza dos cômodos e iguarias que serviriam.

Chegou o esperado dia...Malas prontas, o carro com a revisão feita e o prazer de poder descansar e desligar dos inúmeros compromissos.

Com o rádio ligado, apreciávamos a paisagem do caminho.

De repente, vimos a tabuleta que indicava o restaurante "Frango Assado". Ora, estávamos passeando, sem compromisso de horários. Por que não dar uma parada? Tomar um cafezinho ou um refrigerante, esticar as pernas, saborear os petiscos e quitutes e comprar alguma coisa apetitosa...

E lá descemos nós... Tudo era tão gostoso!!! Tinha sabor de férias.

Quantas vezes passamos por momentos assim, sem pensar no passado, nem o que viria depois.

Na verdade, este foi nosso último passeio...todos juntos, felizes.

*Mas resta a recordação,
guardada no coração,
enfeitada de alegria
do sonho de um dia...*

UM ENCONTRO

Praia, verão, férias, descanso. Assim pensava eu, dentro do ônibus, a percorrer as estradas da Mata Atlântica, rumo à pequena cidade praiana, onde encontraria minha família.

Havia ficado para trás, aguardando o término das aulas. O ano fora exaustivo e, para encerrá-lo, os conhecidos “Conselhos de Classe”, fechados com aquele almoço de confraternização entre os colegas.

Estava cansada, nem acreditava que agora iria ter um pouco de sossego. Será? Lá estariam todos, casa cheia com marido, filhos e, para variar, amigos dos filhos. Bem, pensava eu cá, não vou esquentar: almoço no quilão, cada um cuidaria de suas coisas, e , à noite, um ligeiro lanche..

Mal cheguei, que surpresa! Roupas para todo lado, chinelos espalhados, banheiro cheio de areia, e a pia cheia de louças para lavar.

Naquele momento, deu-me uma vontade louca de ir para o mar, nadar, sem parar, até encontrar uma ilha, bem sossegada, para ler, apreciar a natureza e sonhar.

Meu marido, tentando me agradar, disse-me baixinho: -Tudo é festa, não se incomode, vá trocar de roupa e colocar um short gostoso e uma blusa mais leve, pois o calor, aqui, é intenso”. Segui o seu conselho, troquei-me e fui ao seu encontro.

-Que tal, vamos comer alguma coisa lá no centro?

-Acho que seria melhor andarmos pela praia e saborear algum quitute por lá mesmo. Isso seria bem melhor e mais relaxante.

E, lá fomos nós...Abraçados como dois namorados. Rindo daqui e dali, do que me contava da meninada.

-Adolescentes...você já está cansada de conhecer. Só pensam em aproveitar tudo que podem: namoricos, sanduíches, refrigerantes, tomar sol até virar um camarão, sem horário, desordeiros...

-Agora, vamos pensar um pouco em nós.

Olhe, que céu mais azul, enfeitado pelas gaivotas. Vamos sentar lá nas pedras para ouvirmos o marulhar das ondas, música da natureza. Depois iremos passear de barco, esquecendo toda tribulação por que passamos esse ano.

Com tanto encanto, senti-me feliz naquele momento. Lembrei-me da época de namoro, em que nada existia, a não ser nós dois.

Apoiei minha cabeça no seu ombro. Ele, carinhosamente, afagava os longos cabelos.

Houve um encontro... Encontro do que ficou perdido em alguma época de nossas vidas, quando ainda sonhávamos e éramos companheiros.

*Momento de recordação
de um distante passado,
onde morava a união,
esquecida, não lembrada,
em cada coração...*

TEMPESTADES DA VIDA

Mês de janeiro, mês das chuvas...Notícias alarmantes, só tristezas, perdas de entes queridos, dos poucos bens obtidos, no trabalho suado, e procuras, na esperança de encontrar alguém. Muitos recusam deixar o local de risco, agarram-se ao que tem, até que partem, levando ou o animal de estimação ou uma pequena trousse, olhando para trás com lágrimas doloridas.

Na vida, também, há épocas de tempestade: separações e relutância a mudanças. Quantas vezes nos prendemos não só às coisas, como às pessoas. Mas o mais terrível são as lembranças, que povoam nossos pensamentos.

Na época atual, há outros tipos de tempestades, que nos pressionam: as obrigações sem fim; a tecnologia, que, na sua rapidez, nos deixa perdidos com tantas informações e solicitações.

E, com tais tormentas, o homem se afasta do belo, do sorriso do próximo e perde não só sua identidade, sendo apenas mais um no todo, como também os verdadeiros valores de vida.

Afinal, o que desejamos? Por que lutamos? Para que viemos?

As tempestades da vida acabam nos diluindo numa lama sufocante.

NADA COMO UM CAFEZINHO...

Ao alvorecer, lá íamos nós...Que delícia! Viajar, esquecer de compromissos, deveres sem fim, espairecer os pensamentos. Ficaríamos hospedados num confortável hotel de Serra Negra. A diária não era cara, além de servirem todas as refeições (café da manhã, almoço, janta e o famoso chazinho da noite).

Pelo caminho, admirávamos o verde que cobria a paisagem. Sem falar no ar, tão puro, tão diferente do que respirávamos aqui na capital.

Eis que, pelo trajeto, surge uma cidadezinha, apenas com a rua principal. Um sossego de dar sono. Poucas pessoas pela rua, pela simplicidade de suas vestes, pareciam ser roceiros, alguns empurravam carrinhos repletos de verduras verdinhas e legumes, outros, transportavam enormes litros de leite de alumínio...Talvez, fossem vendê-los para os poucos habitantes daquele lugar.

De repente, surge, numa esquina, uma padaria...

Ao mesmo tempo, falamos: "Que tal um cafezinho?". Não só um cafezinho, como esticar as pernas, pois ainda haveria muitas horas de viagem pela frente.

Descemos e entramos...Uma senhora muito simpática disse:"Em que posso servi-los? Temos café com leite,quentinho, ou pingado, como chamamos, broas, bolo de milho e pão caseiro com manteiga, de nossa fabricação".

Pedimos um café completo. Estávamos famintos! Após uns quinze minutos, lá surgiu ela...

Mas que apetitoso! Um cafezinho como aquele há muito que não encontrávamos. Acostumados aos expressos fortíssimos; capuccinos incrementados, e outras tantas coisas da modernidade, nada como experimentar algo feito no momento e na simplicidade...

*Que pena que tudo isso sumiu,
que a tecnologia consumiu.
Nada como um pingado,
nada como reviver um passado,
neste mundo tão apressado...*

REMINISCÊNCIAS...

Lia um conto, em que a autora, procurava justificar de toda forma a sua falta de vontade de ir à missa dominical da pequena cidade do interior.

Isso me fez retornar ao passado.

Morávamos numa aconchegante e confortável casa, de uma rua afastada do centro. Nela, tudo era calma: sem carros, sem movimento de passantes, a tal ponto que ouvíamos os cantos dos pássaros. São Paulo de outrora E, diga-se de passagem, uma delícia.....

Contudo, dentro da moradia, era uma balbúrdia: vozes de crianças, de mocinhos, barulho de rádio e, na cozinha, o maior movimento, principalmente, aos domingos.

Nesse dia, a alvorada começava cedo, era o esperado dia da missa, lá no centro, na igreja do Paissandu, em que o pároco era o Padre Kalazans, famoso não só pelo seu carisma, como também pela brilhante oratória.

Colocávamos os melhores trajes e nos arrumávamos com esmero, como se fôssemos a uma festa.

Papai, sempre o primeiro a ficar pronto, gritava lá de baixo:

-Tratem de andar depressa, senão chegaremos atrasados. Lembrem-se a missa é às dez horas! E, depois da missa, iremos buscar seus tios, que moram lá no centro, para virem passar o dia conosco.

E, lá íamos nós, no “ai dodói de papai”, o Studbacker, que comprara naquele ano.

Pelo caminho, além das conversas sobre estudos, observávamos os primeiros prédios que começavam a surgir naquela região. Que lindos!

Ao chegar, as recomendações costumeiras: nada de conversinhas, nada de risadinhas. Aqui é um lugar santo, portanto respeito.

Se forem comungar, as meninas não se esqueçam de colocar o véu.

Que cerimônia gratificante: além do belíssimo sermão, as músicas ecoavam pelo local, com vozes afinadíssimas. Eu ficava maravilhada com tudo aquilo.

Às onze, em ponto, encerrava-se a missa. Todos saíam em silêncio, uma vez ou outra, comentavam as palavras sempre certas do pároco. Havia, sem dúvida, o espírito religioso.

Agora, era a vez de pegar nossos tios, que já aguardavam na entrada do prédio em que moravam. Sempre carinhosos, traziam algum doce para os menores, e um delicioso pão italiano, que compravam lá no centro, numa padaria especializada.

Ao chegar em casa, a mesa já posta por mamãe, desde sábado, era servido um apetitoso almoço. Sempre havia um prato de massa, geralmente, conchilla, recheada de presunto e queijo, um frango assado e a famosa maionese na entrada. Quase ia me esquecendo, também, um delicioso risoto. A sobremesa, além de frutas, às vezes, era servido pudim, ou manjar branco com calda de ameixas, outras, pavês. Até eu ajudava na cozinha, pois era muita gente.

Após o laudo almoço, sentávamos lá no quintal, onde era oferecido aquele café, feito com capricho. E lá vinham os papos sem fim: sobre a família, acontecimentos recentes...mas, aí, se caísse na política, daí, cada um" puxava a sardinha pro seu lado"

Como a vida passa depressa. Parece que foi ontem que lá estávamos. Tudo tão gostoso...não sabíamos o que o futuro nos reservava. Quantas surpresas, quantas tristezas.

A cena se apagou...Uma fumaça de tristeza tomou conta de meus pensamentos. A casa já não nos pertence, as pessoas já se foram, e, os mais jovens seguiram suas estradas, ora floridas, ora poeirentas, cada um traçando sua história.

O ÚLTIMO BONDE

Numa tarde fria e chuvosa de maio, encontrei-me com algumas amigas em uma lanchonete, afim de conversarmos e tomar um delicioso café com pão-de-queijo.

Conversa vem, conversa vai, até que uma delas disse que encontrou agasalhos baratíssimos lá pela “José Paulino”, e, de repente, nem sei por quê, passamos a comentar um livro lido na época da escola,” Brás, Bexiga e Barra Funda”, de Alcântara Machado.

Dois contos vieram à tona, Gaetaninho e Monstro de Rodas.

“Imagine- disse uma delas- naquela época, ou seja, por volta de 1920, frequentemente as pessoas eram atropeladas por bonde, e, quase sempre, crianças, que brincavam pelas ruas. Infelizmente, não existia sinalização, nem maiores cuidados com os pequenos.”

Após aquele delicioso encontro, ao voltar para casa, fiquei pensativa, e lembrei-me de um fato do passado.

Minha filha ainda era de colo. Morávamos na Vila Mariana, em um pequeno apartamento da rua Rodrigues Alves. Para distraí-la, sempre arranjávamos um passeio, não só para arejarmos, mas também para sair um pouco das quatro paredes e tomar sol.

Meu marido, ao ler o jornal, deparou-se com uma notícia em destaque: “Hoje será a última vez que o bonde da linha Centro-Santo Amaro percorrerá os trilhos de seu trajeto. Este meio de transporte, aos poucos, será substituído, em toda cidade, por confortáveis ônibus, bem mais seguros.

Mais do que depressa, levantou-se do sofá e veio mostrar-me o jornal. Um pouco espantado disse-me:

“Ana, isso é um fato histórico. Vamos pegar a Lucinha e andar de bonde pela última vez? Prepare a mamadeira, troque e vista nossa filha, arrume-se rápido, pois a última viagem será às quinze horas. Não podemos perder essa oportunidade...”

E lá fomos nós. Ele carregando a nenê, e eu, a sacola com tudo que se tem direito: fralda, xale, água no chuquinho e chazinho de camomila. Entramos no bonde e sentamos no banco lateral de madeira envernizada. Pregadas nas paredes as propagandas costumeiras: do Xarope São João e do Óleo de Fígado de Bacalhau, com um rapaz carregando um enorme peixe nas costas.

Nossa filhinha adorou. Olhava pelas janelas e apontava uma coisa e outra.

E, com tranquilidade, o condutor, em pé, com seu uniforme bege e boné,

seguia o costumeiro trajeto...

Bons tempos vividos,

no passado perdidos,

em que tudo era emoção,

guardados lá no coração.

MOMENTOS...

Hoje, resolvi tirar o dia para descansar, distrair um pouco os pensamentos, chega da rotina de dona de casa. Vou andar por aí, tomar um pouco de sol, largando os compromissos e os eternos problemas familiares.

Tomei o ônibus, Vila Mariana, que percorre toda a Paulista. Como por hábito, desci no Conjunto Nacional, iria pela Augusta, a pé, para olhar as vitrines, com belas roupas da moda, observar as pessoas e, quem sabe, tomar um cafezinho com pão de queijo.

E lá fui eu. Prometi a mim mesma, que nada me perturbaria: horário de volta, e as eternas obrigações costumeiras.

Sem querer, estava indo em direção ao apartamento de mamãe, numa travessa da Augusta. Como sempre, estaria sorridente esperando por mim, com seu delicioso chá quentinho e quitutes sempre guardados. Fora isso, seus textos já separados, para eu ler e dar alguma opinião. Que coisa! Doce ilusão.

Há muito tempo que partira para mundos mais iluminados. Neste momento, meus olhos se embaçaram.

Contudo não foi somente isso que me veio à lembrança. Outros momentos afloraram, como se eu os tivesse vivendo naquele instante.

Era ainda estudante do ginásio. Quase todas as noites, meus pais iam ao cinema, lá na cidade. Uma vez ou outra, ia junto, quando não havia muitos deveres da escola. Era simplesmente delicioso. Após assistir ao filme, de qualquer cinema do centro, Marabá, Ipiranga, Olido, Paissandu, Metro entre outros, íamos, tranquilamente, olhar as vitrines da Rua Direita, da Barão de Itapetininga e de outras ruas do centro. Naquela época, não havia shoppings, nem perigos. Quanta calma! E, para finalizar a noite, o inesquecível cachorro-quente da “Salada Paulista”, acompanhado de coca-cola, ou de algum outro refrigerante.

Mas nisso, como flashes, outros instantes felizes vieram à tona: os concertos matinais, aos domingos, no “Municipal”; os apetitosos lanches da Vienense e do Mappin, com músicas clássicas, ao vivo, tocadas no piano e no violino, por virtuosos artistas.

De repente, retornei à realidade. Assustada, olhei o relógio. Eram quase cinco horas da tarde, hora de voltar para casa.

As lembranças se apagaram, quase por um encanto. Mas valeu o passeio, vivenciei um passado repleto de alegria.

*Passado
repassado
esfumado
recordado
na saudade, lembrado*

O SOLAR DAS ROSAS

Passeava pelas ruas e jardins da cidade, onde, outrora, vivia meus familiares. Uma chuva miúda começava a cair. Bem que falavam seus habitantes: "Fumaça na serra, água na terra". Pela manhã, as montanhas estavam cobertas de nuvens, o céu acinzentado. Assim, o ditado popular se cumprira.

Abri meu guarda-chuva e continuei minha caminhada, envolvida em minhas recordações.

De repente, parei diante de um suntuoso edifício. Seu nome me chamou atenção, "Solar das Rosas".

Ora, ora, aqui, há muitos anos atrás, era a residência de meus avós. Uma casa térrea, comprida, com um alpendre ornado por belas samambaias de metro. A porta de entrada sempre estava aberta, apenas a mola colocada a fazia fechar. Não havia perigo, nem violência...

Lembrei-me, nem sei por que, de umas férias de janeiro. Era novinha, onze anos. Naquela moradia, sempre cheia, a alegria envolvia o local.

O céu muito azul com um sol brilhante de verão estava propício para nadar, ou fazer qualquer coisa na cidade, menos ficar em casa. Peguei minha sacola, com maiô e outros apetrechos, encontrei meu grupinho de amigas e, não houve dúvidas, fomos ao clube para aproveitar o dia lindo de verão.

Que delícia, risos, conversinhas, uma água gostosa para se banhar.

Eis que, no meio de nossas alegrias, vejo meu tio chegando, com um ar sério, preocupado. "Meninada, infelizmente, tenho que levar Ana! Outro dia, ela voltará para gozar a companhia de vocês. Ana, troque-se, rapidamente, pois lá em casa aconteceu um fato muito triste". Você ficará com uma de suas tias, até que tudo se resolva."

No dia seguinte, mamãe, com muita calma, contou-me que sua irmã caçula, Rosinha, havia morrido. Fiquei assustada, pois antes de ir ao clube, despedi-me dela e parecia-me bem, apesar dos olhos inchados. Pudera! Havia ido ao baile na noite anterior, e muito bem acompanhada por seu encantador namorado. Estava apaixonada, primeiro amor de sua vida.

Anos depois, soube o que acontecera.

Rosinha era uma moça bonita: olhos verdes, amendoados, cabelo ondulado, rosto delicado, uma silhueta elegante, não era alta, mas tudo nela encantava.

Contudo trazia a marca de um derrame, logo ao nascer, paralisando seu braço e perna esquerda. Seu pai, um grande médico, fizera de tudo para que recobrasse os movimentos desses membros. E, naquela semana, em que ocorreu a fatalidade, havia contatado um médico, no exterior, que lhe dera esperança de amenizar quase toda aquela seqüela de sua filha.

Porém Rosinha não aguentou a humilhação por que passara. Simplesmente, seu namorado, cansado dos risinhos e chacotas de seus amigos, durante o baile, disse à Rosinha: "Não me procure mais, jamais irei me casar com uma aleijada. Por sua causa todos caçoam de mim".

Rosinha, cabisbaixa, retirou-se do salão, com as faces banhadas de lágrimas, e mancando seguiu para sua casa. Tudo perdera o encanto para ela. "Para que viver?"

Naquela noite, não conseguiu dormir, arranjou tudo no seu quarto, colocou sua boneca de estimação na almofada bordada.

Ao clarear, tomou um belo banho, vestiu-se lindamente, com a melhor roupa e sapato, penteou seus longos cabelos ondulados, passou um cheiroso pó-de arroz, no rosto, e um batom suave nos delicados lábios. Foi à cozinha deu um longo abraço na velha cozinheira da casa, Esperou meus avós se levantarem, e, em seguida, pediu ao pai se podia usar aquela lavanda tão cheirosa, que ele havia comprado, noutra cidade.

"É claro, minha caçulinha! Ele está guardado lá dentro de meu armário." E, assim foi ela, com passos lentos...Sabia que em uma das gavetas, envolvida em um enorme lenço, estava a arma, que lhe servia de proteção nas longas viagens, a cavalo, que fazia pelas redondezas, para acudir algum doente, impossibilitado de dirigir-se ao seu consultório.

Após, trancou-se em seu quarto. Ouviu-se um estampido quase surdo. Logo, em seguida, um fio de sangue escorreu pela soleira da porta.

Partiu nos seus vinte um anos...Uma rosa, todos os dias, era colocada, em cima de seu prato, no seu lugar à mesa. Seu quarto permaneceu intocável por

meses e anos. Meus avós nunca mais foram os mesmos. Sempre estavam com os olhos brilhantes de choro. A casa perdera a alegria: cortinas sempre puxadas, quando não, janelas fechadas. O sol mal entrava por ali.

Assustei-me, a chuva agora apertara. O que me acontecera? Estava parada por ali já um bom tempo. Até que alguém me disse: "Moça, saia da chuva!".

Reli, novamente, o nome do edifício. Naquele momento, compreendi o porquê da palavra "Rosas".

NADA POSSO FAZER...

Quantas vezes, já ouvimos, com o coração apertado, essa resposta: “nada posso fazer por você”. E, viramos as costas, tristemente, seguindo nosso caminho.

Há certos momentos na vida, em que, desesperadamente, procuramos alguém, ou alguma coisa, que possam solucionar o conflito por que passamos.

Nestas horas, agarramos a tudo que nos sugerem: rezamos preces indicadas; buscamos pessoas esclarecidas; videntes; leitores de cartas; lugares esotéricos....

Fora as andanças sem fim e gastos...

Frágeis, inseguros, telefonamos, aos prantos, não só aos amigos, como também a qualquer um que nos dê um aceno. E pior, por vezes, incomodamos aos outros com nossas lamúrias.

Mas o tempo vai passando...aos poucos vamos nos conformando, ou tentando aceitar o inaceitável. Para continuar, brincamos de justificar, fazemos de conta, tal qual Poliana, que o fato não era bem assim, que tudo não passou de uma fantasia.

Outras vezes, colocamos a “culpa” em nós mesmos: “você sempre agiu assim, depois ainda se queixa do resultado?”

Desta forma, tentamos mudar nosso modo de ser para recuperar o que se perdeu.

Mas o tempo vai passando...e, com o passar dos anos, vem uma amarga resignação.

Contudo sempre há uma esperança e, talvez, seja a última lágrima, se acreditarmos “Naquele”, que nunca falha, e em suas sábias palavras: “Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados”.

ALVORECER II

Mais uma quinta-feira. Lá ia eu para o Supermercado, com uma lista enorme para sortir a casa. Pelo caminho, pensava nos afazeres sem fim de dona de casa. Para distrair o pensamento, lembrei-me da canção dada, como tema para elaboração de um texto, na “Oficina”, “Como uma onda” de Nelson Motta e Lulu Santos. Realmente, a letra era linda e cheia de reflexões.

Infelizmente, chequei ao destino. Apagou-se o pensamento, concentrei-me no deveres...

Uma surpresa... Estava eu a contar os litros de leite a levar, quando uma senhora, que sempre encontrava por lá, muito gentilmente se aproximou e disse “trouxe um livro para você! Espero que goste”. Agradei, emocionada, pelo presente inesperado.

Enquanto fazia as compras, toda hora ficava pensando:

“Nunca aconteceu um fato desse em minhas vida... por que será que fez isso?”.

A noite na hora do sossego, comecei a folhear o livro. Um título atrativo, “Quando vem a brisa...”, o autor, desconhecido pra min.

Parei numa das mensagens, “alvorada”. Como a contracapa explicava, todos os textos eram reflexões profundas sobre as emoções e reações humanas ante os dilemas existenciais.

Ora, não é que o texto me envolveu. Até peguei um lápis para assinalar alguns trechos. Quando acabei de ler, achei uma enorme semelhança dela com a canção de Lulu Santos.

A música dizia: “Nada do que foi será/ De novo do jeito que já foi um dia/ Tudo passa/ Tudo sempre passará/... Tudo muda o tempo todo...”

A mensagem ao falar da “alvorada” revelava que esta era o momento e que as cortinas da vida se abrem para passagens novas, ou seja, era o novo que visitava a nossa vida, pois a vida era um eterno movimento, nela, tudo sempre se renovava.

Mas a vida não era uma eterna aurora, os seus ritmos se alternavam com momentos, nela, tudo se renovava com momentos de luz e sombra.

Agora, vinha a questão primordial: e depois do crepúsculo? Daí aprendermos que nada ficará às escuras para sempre, pois, logo, chegará um novo amanhecer. O crepúsculo representava os desafios da vida, contudo nada mais era do que um momento da nossa existência. Ora, era a escuridão que das madrugadas frias e solitárias das noites intermináveis.

Porém, como dizia o sábio rei “Salomão”. “Tudo tem seu tempo determinado. Há tempo de chorar e tempo de rir”. E completava o poeta bíblico “Davi”. “O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã”.

E assim, “tudo passa, tudo sempre passará”.

O ESCALADOR

Como poderei apagar de minhas lembranças aquele companheiro tão querido?

Relembro-me do convite, tão inesperado e arriscado:

-Kika, estou disposto a escalar o monte "Fitz Roy", de 3.405 metros de altitude. Você sabe, fica na região de "El Chaltén", no sul argentino. Sei dos perigos que irei enfrentar, mas estou preparado para o que der e vier. Que tal você ser minha companheira? Assim, um dará força ao outro.

-Bernardo, mas isto é uma loucura! Mas já enfrentamos cada uma! Vamos lá, mais uma para a nossa coleção.

E lá fomos nós. Com a alegria e a satisfação da vitória, chegamos lá. Ríamos sem parar, nem lembrávamos do frio e do vento cortante, Após um breve descanso retornamos.

Mas eis o imprevisto. Quando iniciávamos a descida, Collares caiu. Houve uma falha em seu equipamento. E, por infelicidade, fraturou a bacia. A dor era intensa, perdia e recobrava os sentidos. Não sabia o que fazer. Até que em um momento de consciência, disse-me para partir em busca de socorro.

Demorei dois dias para chegar ao povoado mais próximo. Tarde demais para encontrá-lo com vida. A comissão de resgate, caso as condições climáticas fossem favoráveis, demoraria, no mínimo quatro dias para chegar ao local onde se encontrava. Dizia a médica do grupo: "Para mim é impossível que esteja vivo. É muito difícil sobreviver à primeira noite, e, à segunda, impossível."

E lá ficou Bernardo. Jamais me esquecerei dele.

Lá ficou meu querido companheiro, acalentado pelo seu sonho de eterno Aventureiro.

SOLIDARIEDADE E CASAMENTO

Ideli viera do Norte, de uma cidadezinha atrasada do interior do Piauí. Juntara algum dinheiro, vendendo doces e bolos pelas redondezas, e resolvera tentar a vida numa cidade maior, numa capital. Assim, veio para São Paulo. Ao chegar, perambulou pelas ruas, dormiu debaixo de viadutos, até que arranhou um emprego, como doméstica. Sua patroa, pessoa de bom coração, vendo a jovem tão desamparada, adotou-a de certa forma: deu-lhe estudo, ensinou-lhe bons modos e, como gostava de cozinhar, passou-lhe sua experiência de dona de um restaurante em um Shopping. Após alguns anos, convidou-lhe para ajudá-la no seu negócio. Ideli, agradecida e entusiasmada, não media esforços em suas funções: servia, ajudava na cozinha, e, às vezes, ficava no caixa, revezando com sua patroa.

Certo dia, ao receber o pagamento dos fregueses, conheceu José. E conversa vai, conversa vem, soube que tomava conta do estacionamento do local. Como ela, também viera de longe, de Canavieira, cidadezinha do interior da Bahia, próxima a Ilhéus. Sofrera e lutara muito até conseguir este emprego.

Todas as semanas lá estava José, sempre gentil, sempre sorridente, até que, certo dia, tomou coragem e convidou Ideli para tomar um cafezinho, em uma lanchonete aconchegante do estacionamento do Shopping, após encerrado o expediente de ambos.

E isso se deu várias vezes. Semanas, meses...E assim foram ficando mais próximos...e descobriram que estavam apaixonados. Tinham certeza de que seriam felizes, pois pensavam do mesmo modo e passaram pelas mesmas dificuldades.

Noivaram e marcaram o casamento. Dona Julinha, patroa de Ideli, seria a madrinha dos dois e o casamento seria realizado na lanchonete, que tanto apreciavam. Delicadamente, percorreram todas as lojas, butiques, restaurantes do piso da alimentação, convidando todos daquele enorme Shopping para a cerimônia dessa união.

O retorno da gentileza desse casal foi uma surpresa. Enfeitaram todos andares com pequenos buquês, a lanchonete parecia um canteiro florido, músicas românticas envolveram todo ambiente, além da roupa dos noivos, tudo ofertado pelos lojistas. Padre João, assíduo frequentador do restaurante de D. Julinha, realizou a cerimônia.

*Esse foi um casamento,
jamaís visto no momento.
O que valeu foi a solidariedade
e o que ficou foi a felicidade...*

INCRÍVEL!!

Estava eu pensativa... tanta coisa para resolver, tantos compromissos, que só me traziam preocupações e, muitas vezes, aborrecimentos e tristezas.

Para espantar os pensamentos, resolvi abrir os e-mails enviados, sempre as mensagens eram lindas e as músicas, que as acompanhavam, eram divinas.

De repente, apareceu uma com um título chamativo: "Alucinante!". Bem, pensei, vamos ver do que se trata.

Mas, que surpresa, era um filme de curta metragem, focalizando um leopardo, caminhando, à noite, em busca de alguma presa, para saciar sua fome. Seus passos eram lentos, cuidadosos, para não chamar atenção de sua presença.

No meio de um mato alto, achou o que desejava, porém estacou diante do que viu, um filhote de babuíno, minúsculo, indefeso, perdido por ali. Olhou, longamente, e, como por um encanto, aflorou-lhe o amor materno. Lambia-lhe para acariciá-lo, e, ao ouvir os uivos de hienas aproximando-se, carregou-lhe pelo cangote para longe dali. Filhote, descobrindo o mundo, subia nas árvores, escorregando, muitas vezes, por sua fragilidade, contudo lá estava o leopardo para salvá-lo. Para esquentá-lo do frio da noite, colocava-o, bem próximo de sua barriga, afagando-o com sua língua. E assim, horas e horas, corria atrás do filhote para protegê-lo, até que, exaustos, adormeceram, um pertinho do outro, entre as folhagens espessas daquela mata.

Fiquei emocionada, como um animal predador pode manifestar um carinho materno tão maravilhoso, ainda mais por um babuíno?

Realmente, o que ali se viu foi incrível, alucinante e maravilhoso!!!

MÍLTON

Depois de enfrentar uma jornada de quarenta e oito horas, no hospital, em que trabalhava, além do consultório da clínica, Milton estirou-se na aconchegante espreguiçadeira da varanda de sua casa, enquanto esperava Márcia chamá-lo para o jantar.

Subitamente, o passado viera à tona.

Lembrou-se de sua chegada à suntuosa residência de Sr. Abílio.

Naquele momento, o rico empresário, após um dia estafante de serviço, estava sentado numa confortável poltrona, em sua espaçosa sala, acompanhado de seus familiares. A fim de distrair seus pensamentos, assistia na TV, um show deslumbrante, com vários cantores famosos da época.

Timidamente, tocou a campainha. Maria, a fiel doméstica da casa, foi verificar quem era àquela hora da noite.

-Sr. Abílio, um garoto de mais ou menos quinze anos, diz que é seu sobrinho, e deseja falar com o Sr.

-Meu sobrinho? Será o filho de meu irmão mais velho, Carlos? Não tenho notícias dele há mais de dez anos. Mande-o entrar, por favor.

Que surpresa! Um rapaz franzino, com pele morena e cabelos ondulados, entrou e lhe deu um caloroso abraço.

-Sou filho de seu irmão e gostaria muito de conhecê-lo. Meu nome é Milton e fiz uma longa viagem para chegar até aqui.

-Milton, não vejo seus pais há longos anos. Fale-me um pouco sobre eles.

-Sr. Abílio, soube que meus pais faleceram quando eu tinha apenas cinco anos. Papai bebia muito e minha mãe, devido aos maus -tratos, acabou sendo internada em um asilo, mas logo morreu. Eu, sozinho, fiquei um tanto com uma caridosa vizinha, até que fui enviado para uma casa beneficente, onde cuidavam de menores como eu. Não posso me queixar. Lá, encontrei pessoas maravilhosas que me encaminharam na vida; além do carinho, deram-me estudo. Cursei até a 9ª série, isto é, conclui o ensino fundamental. Mas havia uma norma: todos só permaneceriam lá até os dezoito anos, depois, seriam entregues ou aos pais, ou a algum parente.

Assim, pesquisaram, pesquisaram, até chegar no Sr. Não tenho onde ficar, não arrumei trabalho até agora, enfim estou meio perdido. Se o Sr. não se importar, permanecerei em sua residência por algum tempo, até me empregar. Ofereço minha ajuda em tudo da casa, como pagamento, por essa acolhida.

Sr. Abílio ficou pensativo. Lembrou-se de que havia visto o sobrinho, quando era bem pequeno.” Mas, se não me engano, a criança era muito clara e loirinha, ao contrário deste garoto: amorenado, cabelos escuros e muito ondulados. Interessante, seu semblante não me é estranho. É parecido com alguém que já passou pela minha vida. Contudo, vamos lá, não custa dar guarita a este jovem”.

-Maria, por favor. Leve o Milton até o quarto de hóspedes, arranje alguma roupa para ele, além da toalha de banho, para que tome uma deliciosa chuveirada. Quando estiver pronto, dê-lhe aquela sopa, tão gostosa, que serviu no jantar. Vá, meu rapaz, depois cama! Só depois de um bom repouso, vamos arranjar uma escola para você e tudo mais.

No dia seguinte, Celeste, esposa de Abílio, tomou as providências devidas.

Vários anos se passaram. Milton mostrou-se um aluno exemplar. Mais tarde, cursou a Faculdade de Medicina, desejava cuidar e ajudar as pessoas.

Era agradecido aos tios, que tanto o ajudaram.

Um dia, em seu consultório, apareceu uma senhora miudinha, com ar sofrido e um olhar muito meigo. Olhou-o demoradamente, enquanto as lágrimas escorriam pela face.

-Ora, pra que chorar!?! Vou tratá-la com todo carinho.

Várias vezes retornou à clínica.

Certo dia, estava aguardando na sala de espera a sua vez, quando entrou no consultório Sr. Abílio, pois queria combinar, com Milton, um jantar em alguma cantina.

De repente, seu olhar dirigiu-se para onde estava sentada aquela senhorinha de doce olhar.

Sr,. Abílio estremeceu, era ela,,,O amor que tivera na adolescência. Sim, era Joana, moça simples, meiga e delicada, pele morena, cabelos anelados...De um dia para o outro, desaparecera. Disseram a ele que ela partiu para o interior em companhia de seus pais. No mesmo instante, percebeu o quanto Milton era parecido com ela.

Enquanto aguardava ser chamada para a consulta, Joana conversou muito com Abílio. Disse-lhe que impossibilitada de criar aquela criança, deixou-a numa casa de caridade e pediu-lhe, encarecidamente, que zelasse pelo filho, nascido de uma paixão de adolescente, contudo jamais revelasse a verdade a ele, pois sempre soube que era o caçula de seu irmão mais velho.

Em seguida, retirou-se com os olhos marejados de lágrimas.

Abílio deu um longo suspiro, talvez de tristeza, talvez da impossibilidade de resgatar o passado.

Nisto, Milton abriu a porta e, ao vê-lo, esboçou um longo sorriso de alegria

Passaram-se os anos, Milton estava casado e seus filhos já mocinhos. Aos poucos, seus tios foram partindo. Primeiro, Celeste e, algum tempo depois, Sr. Abílio. Antes de falecer, em certa tarde de maio, com seu sobrinho sempre ao seu lado, revelou-lhe, o que guardara por tantos anos. Ambos se abraçaram emocionados e sussurrando lhe disse: "Sempre o considere como um pai".

Em vão, tentou reencontrar sua mãe.

Márcia trouxe-o de volta ao presente. Dando-lhe um beijo carinhoso, falou em seu ouvido: "O jantar está servido, fiz pratos, que você adora, afinal, você merece..."

ALUCINAÇÃO?!?

Desnortado, aguardava o meu horário de consulta. Dentro de minha cabeça, mil e um pensamentos. Nervoso, resolvi sair um pouco da sala de espera e ficar andando pelo corredor para acalmar-me.

A secretária, finalmente, me chama:

-André, Dr. Rubens está a sua espera.

Simpático, como sempre, coloca os braços em meus ombros, talvez, para acalmar-me:

-Vamos, meu rapaz, pra tudo há sempre uma saída!

Sento-me, já um tanto relaxado, sempre é bom ouvir a voz de um amigo.

-Pois é, doutor, acho que estou ficando “lelé da cuca” de vez. Imagine, só, como estava na hora do almoço do Banco, em que trabalho, e resolvi entrar no Restaurante Viena, dentro do Conjunto Nacional. Como o Sr. sabe, a comida de lá é de primeira, uma delícia. Muito bem, comi como um rei, saí de lá feliz da vida para enfrentar o segundo turno do serviço. Lá ia eu, todo pimpão, quando começou a cair uma chuva fininha. Até que achei bom, pois estava muito abafado. De repente, veio uma linda moça em minha direção. Poxa! Pensei eu, “era uma namorada assim que eu queria”. Contudo, devido ao vento e a chuva, não conseguia ver muito bem seu rosto, pois seus longos cabelos cobriam quase toda sua face. A chuva apertava... Todos se resguardavam da chuva, abrindo os guarda-chuvas; mas ela não, parecia que desejava brincar com a chuva e esta brincar com ela. Deslumbrado, comecei a segui-la, queria conhecê-la melhor.... Mas, num dado momento, entrou numa rua sem saída, e, tirando o cabelo do rosto, deu-me um doce sorriso, e, abanando a mão, como se dissesse adeus, desapareceu... Em vão, procurei-a por todo lado. Mas sua expressão, sua beleza, jamais esquecerei...

-André, André, se todas as coisas diferentes, que nos acontecem, achamos que estamos ficando loucos, todos nós, então, somos loucos. O que lhe sucedeu foi, apenas, carência.... Carência de uma companheira, carência de um amor. Por que não convida Luana, sua colega de serviço, que tanto aprecia, para tomar um café com você? Pode ter certeza de que nunca mais terá qualquer alucinação... Vá, meu filho, sem dúvida, você é muito equilibrado, nada como um amor para por ponto final em suas cismas...

Dr. Rubens acompanha André até o elevador, desejando-lhe boa-sorte, e volta muito pensativo para o consultório...

UMA COMUNICAÇÃO GRATIFICANTE

Abro os jornais: em manchetes, notícias desagradáveis: políticos corruptos, violência, crimes e até falta de respeito aos superiores. Como o caso de uma professora do ensino básico, agredida agressivamente por uma mãe, pela suspeita de haver empurrado sua filha de cinco anos. Assim, derrubou-a, atacando-a com socos e pontapés. Consequência: maxilar e nariz quebrados, além de várias escoriações. Do outro lado do mundo, se não me engano, na Síria, um garotinho torturado e morto pelas autoridades, sendo seu corpo, profundamente machucado, entregue aos pais.

Fecho os jornais e dirijo-me ao computador, para, como sempre, abrir e responder os e-mails recebidos. Antes, passo os olhos pelas notícias dadas pelo “Terra”. Misericórdia! Cada calamidade! Recém-nascidos, recolhidos numa clínica, para serem encaminhados para os rituais de magia negra. Nem os animais escapam: um cachorro foi devorado por uma jacaré, dentro de um condomínio, na Flórida. Indago eu, como souberam disso? Parece que há um prazer sádico em buscar fatos chocantes. Aliás, é disso que o povo gosta, desde Roma, como se diz, “o povo gosta de circo”. E, devido a essa preferência, a mídia faz a festa e como fatura!!

Mas, por outro lado, há tanta coisa boa por aí... Basta ter olhos para ver e achar. Na revista “Língua Portuguesa” de maio/2011, encontrei um ensaio, escrito por Edgard Murano, muito curioso, referente às pistas que Sherlock Holmes deixou na linguagem, cujo título era “A Retórica do Detetive”, em que dizia que novas versões do famoso detetive para cinema, TV e literatura mostravam um grande interesse por um modo de pensar, que nasceu com os pensadores da Antiguidade, entre eles, Aristóteles. Segundo eles, o raciocínio consiste em elencar e encadear premissas para chegar a uma conclusão, sendo a dedução uma espécie de raciocínio, que de uma proposição geral conclui uma particularidade. Aristóteles denominou de “silogismo”, o método consagrado séculos depois, nas artimanhas sherloquianas. Exemplificando um silogismo:

“Todo avião tem asas (premissa maior);um teco-teco tem asas (premissa menor); logo, todo teco-teco é um avião (conclusão). E o estilo dedutivo, personificado por Sherlock, está vivo como nunca no momento atual, através de seus seguidores. Entre nós, idealizado por Jô Soares, aparece “O Xangô de Baker Street”; na televisão, o seriado “House e Monk”; na literatura o o best-seller ,” Código da Vinci”. Ainda mais uma curiosidade: a caça aos vestígios nasceu na pré-história, numa sociedade de caçadores, que, para sobreviverem, precisavam caçar, e, para isso, observavam sinais, como: pegadas, galhos partidos, tufo de pelos...

Por outro lado, nos e-mails recebidos, há tantas mensagens gratificantes: como, Janey Cutler, que, com seus oitenta e tantos anos, emocionou uma plateia ao cantar “No regrets”; e a Dra. Rita-Montalcini, que continua nas suas pesquisas científicas, apesar de ter 100 anos.

Na Internet, se quisermos buscar conhecimentos, curiosidades, tudo está lá, basta para isso querer.

Assim, em todos os meios de comunicação, sempre encontraremos notícias gratificantes, deixando o lado triste e amargo da vida.